

**LÍDIA FERNANDES,
JACINTA BUGALHÃO
E PAULO ALMEIDA
FERNANDES, COORD.
*DEBAIXO DOS NOSSOS
PÉS. PAVIMENTOS
HISTÓRICOS DE LISBOA.*
LISBOA: MUSEU DE LISBOA, 2017**

MIGUEL MONTEIRO DE BARROS

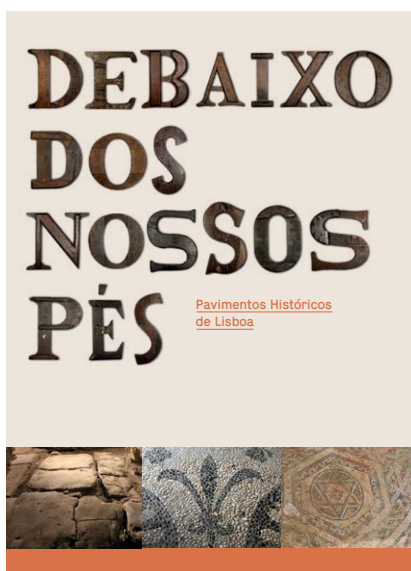
Instituto de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas,
Universidade Nova de Lisboa
Associação de Professores de História

O catálogo¹ da exposição *DEBAIXO DOS NOSSOS PÉS. Pavimentos Históricos de Lisboa*, objecto desta recensão, foi organizado pelo Museu de Lisboa e pela EGEAC, tendo sido coordenado pelos comissários da exposição: Lídia Fernandes, Jacinta Bugalhão e Paulo Almeida Fernandes. Contou com as parcerias institucionais da DGPC (Direcção Geral do Património Cultural), do CIHUCT (Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia, Universidade de Lisboa), do projecto FCT – VISLIS e da Fundação Millenium – BCP. O catálogo complementa a exposição homónima, que decorreu no Torreão Poente da Praça do Comércio, entre 19 de Abril e 1 de Outubro de 2017, tendo obtido a distinção de *Melhor Catálogo 2017* na atribuição dos prémios APOM (Associação Portuguesa de Museologia), ocorrida a 25 de Maio de 2018.

Afirma-se, num dos textos introdutórios ao catálogo da exposição *Debaixo dos Nossos pés: Pavimentos Históricos de Lisboa*, que “[...] o Museu de Lisboa prossegue o caminho de investigar, documentar e disponibilizar ao público elementos fundamentais da identidade de Lisboa [...]” (p. 13).

Esta exposição e respectivo catálogo, apresentaram-se e apresentam-se, sem dúvida, como contributos fundamentais para o desvendar dessa identidade. Cons-

¹ ISBN: 978-972-27-2386-2, 240 pp, ilustrado.



tituindo os pavimentos uma forte “marca identitária” (p. 36) da cidade, impunha-se uma análise integradora, actualizada, diacrónica e multidisciplinar do chão que pisamos, destinada a estudiosos e a leigos. Até porque raramente pensamos nas realidades sobre as quais nos deslocamos, esquecendo-nos de que também elas podem, e devem, ser assumidas como fontes históricas passíveis de serem lidas e interpretadas.

Ao consultarmos o referido catálogo algo se torna, desde logo, evidente – que é à arqueologia que ficamos a dever o deslindar do palimpsesto em que se transformaram, ao longo dos milénios e dos séculos, o solo e o subsolo de Lisboa e que a arqueologia é o *opus signinum* que cimenta este projeto.

O catálogo apresenta-se estruturado em duas partes, a segunda mais bem conseguida do que a primeira. Na primeira parte procede-se a uma contextualização multidisciplinar do objecto analisado nas suas dimensões material e sociológica, nomeadamente nas formas como o espaço público foi sendo entendido e vivido, no tempo longo, pelos lisboetas. Sente-se, todavia, a falta de referências importantes, como a dimensão ideológica reformista católica que influenciou as importantes mudanças efectuadas no espaço público da cidade no decorrer dos séculos XVII e XVIII.

É evidente, ainda, uma certa dificuldade na escolha do local de inserção de alguns dos textos que compõem a obra, como é o caso de *O Chão de Lisboa: uma visão diacrónica da cidade de Lisboa através dos seus pavimentos*. Este aparece, no índice, como texto introdutório (pp. 8-9). No corpo da obra (pp. 20-25), apesar de surgir claramente separado das restantes partes constituintes, surge em conjunto com o prefácio, sem qualquer indicação que o identifique como sendo uma introdução. Já na parte que compreende os resumos (pp. 218-227), aparece referido como fazendo parte integrante da primeira parte da obra, opção que nos parece ser a que faz menos sentido, já que este texto se centra muito mais na dimensão material estando, desse modo, mais ligado à segunda parte e menos à primeira. Assim sendo, deveria aparecer isolado, separado do prefácio e claramente identificado como sendo uma introdução geral, o que não acontece no corpo da obra. Esta indefinição parece constituir-se como um sintoma das dificuldades que os organizadores encontraram em ligar a primeira parte do catálogo à segunda. Estas dificuldades decorrem, provavelmente, do facto de ter existido, desde o início do processo, uma ideia muito clara do que se pretendia com a exposição – divulgar junto do público, leigo e especializado, o estado da arte resultante das campanhas arqueológicas efectuadas nas últimas décadas – tarefa que é levada a cabo, de forma exemplar, na segunda parte do catálogo. A contextualização parece, assim, surgir mais como um complemento do que como parte plenamente integrante do projeto.

Também o texto intitulado *A Geologia subjacente aos pavimentos de Lisboa* (pp. 28-31) parece estar, de alguma forma, colocado fora de sítio. Teria talvez mais lógica, tendo em conta a temática abordada, que este constituísse o texto de abertura da segunda parte da obra, já que com esta se liga, ao explorar os materiais com que, ao longo dos séculos, se foram pavimentando os solos de Lisboa. E esse não é o único ponto de encontro entre a geologia e a arqueologia. Ambas constituem áreas

disciplinares que estudam as camadas em que se divide o subsolo, não podendo a arqueologia dispensar o precioso auxílio da geologia. No caso de Lisboa, tal é evidente no que diz respeito às marcas deixadas por fenómenos cataclísmicos como terramotos ou tsunamis.

A segunda parte do catálogo, organizada cronologicamente, é a que mais bem reflecte o espírito diacrónico da exposição, tendo-se conseguido um bom equilíbrio na divisão do espaço dedicado às diversas épocas históricas. Também os exemplos escolhidos são adequados, quer do ponto de vista do especialista, quer do ponto de vista do público em geral. Com esta segunda parte reforça-se, no leitor, a noção da importância da arqueologia e das ciências com as quais aquela se associa, tornando-se evidente a força desse *opus signinum* que, nos últimos anos, após décadas de relativa negligência, tanto tem contribuído para desvendar zonas obscuras da história lisboeta.

A exposição e respectivo catálogo constituem excelentes exemplos de boas práticas de divulgação, contribuindo ambos para que os munícipes ganhem consciência da importância de instituições como o Museu de Lisboa para a salvaguarda do património, seja este visível ou esteja escondido debaixo dos nossos pés. Mas, a este propósito, é necessário fazer muito mais, divulgar de forma muito mais sistematizada e pedagógica estas (e outras) descobertas arqueológicas. Continua a fazer falta em Lisboa e em Portugal um verdadeiro Museu de Arqueologia, nacional ou regional, onde se possa, à semelhança do que acontece noutros países da Europa, observar realidades passadas sob uma perspectiva diacrónica, tal como aconteceu nesta exposição temática. Esperamos que este seja um primeiro passo nesse sentido. Merecem-no Lisboa, os lisboetas, e todos os que se interessam pela fascinante e longa história desta cidade. ●